

“Conversa de bois”: a solução de uma dualidade referencial

Marco A. de Oliveira*
Milton do Nascimento*

Resumo

O texto “Conversa de bois” pode ser encarado como uma arena que acolhe vários conflitos: Tiãozinho vs Agenor Soronho; o Bem e o Mal; a ação e a reflexão; a fraqueza e o poder; a criança e o adulto; o ser e o querer-ser. O texto admite, portanto, várias interpretações possíveis, provavelmente relacionadas entre si. Seja qual for o conflito focalizado, partimos do pressuposto de que, pela linguagem, os universos conflitantes sejam delineados e, ainda, que os referentes em cada um desses universos sejam localizados e recebam as predicções cabíveis na construção da trama do texto. Na hipótese de que Tiãozinho e Agenor Soronho atuem como ‘resumos’ dos vários conflitos apresentados no conto, pretendemos argumentar que, pela linguagem, através de recursos estruturais, Guimarães Rosa cria dois universos referenciais antagônicos na personagem de Tiãozinho, um que fala através dos bois e outro que fala através do Tiãozinho guia de bois, e que o conflito interno de Tiãozinho se resolve no final do conto, através da simbiose entre esses dois universos, levando Tiãozinho a se transformar em Tiãozão.

Palavras-chave: Referência; Referenciação; Universos de referenciação; Produção de sentido; Hipertexto.

E não apenas isto, mas tudo: a vida, a morte, tudo é, no fundo, paradoxo. Os paradoxos existem para que ainda se possa exprimir algo para o qual não existem palavras. Por isso acho que um paradoxo bem formulado é mais importante que toda a matemática... (Guimarães Rosa)¹

O texto “Conversa de bois” pode ser encarado como uma arena que acolhe vários conflitos, conflitos esses que expõem uma série de paradoxos: a Fraqueza e o Poder, a Criança e o Adulto, Pai e Filho, o Bem e o Mal, Vida e Morte, o Ser e o Não-Ser. Num certo sentido, os personagens Tiãozinho e

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

¹ Guimarães Rosa, numa entrevista concedida a Günter Lorenz, publicada com o título “Diálogo com Guimarães Rosa” (ROSA, 1994, p. 32).

- ECO, Umberto. **Lector in fabula**. A cooperação interpretativa nos textos narrativos. Tradução Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor**. Alpiarça: Vega, 2000.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **Desconversas** (ensaios críticos). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- LORENTZ, Gunter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo (Org.). **Guimarães Rosa**. Coleção Fortuna Crítica (6). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 62-97.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2000.
- LUKÁCS, Georg. **O romance como epopéia burguesa**. Tradução Letizia Zini Antunes. São Paulo: Unesp, 1984.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.
- ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguilim** (Corpo de baile). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [19--].
- ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- ROSA, João Guimarães. **Tutaméia. Terceiras estórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- ROSA, João Guimarães. **O ooó do vovô**: correspondência de João Guimarães Rosa, vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess. São Paulo: Editora da USP; Belo Horizonte: Editora PUC Minas/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.
- ROSA, Vilma Guimarães. **Relembraimentos**: João Guimarães Rosa, meu pai. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

“Conversa de bois”: a solução de uma dualidade referencial

Marco A. de Oliveira*
Milton do Nascimento*

Resumo

O texto “Conversa de bois” pode ser encarado como uma arena que acolhe vários conflitos: Tiãozinho vs Agenor Soronho; o Bem e o Mal; a ação e a reflexão; a fraqueza e o poder; a criança e o adulto; o ser e o querer-ser. O texto admite, portanto, várias interpretações possíveis, provavelmente relacionadas entre si. Seja qual for o conflito focalizado, partimos do pressuposto de que, pela linguagem, os universos conflitantes sejam delineados e, ainda, que os referentes em cada um desses universos sejam localizados e recebam as predicções cabíveis na construção da trama do texto. Na hipótese de que Tiãozinho e Agenor Soronho atuem como ‘resumos’ dos vários conflitos apresentados no conto, pretendemos argumentar que, pela linguagem, através de recursos estruturais, Guimarães Rosa cria dois universos referenciais antagônicos na personagem de Tiãozinho, um que fala através dos bois e outro que fala através do Tiãozinho guia de bois, e que o conflito interno de Tiãozinho se resolve no final do conto, através da simbiose entre esses dois universos, levando Tiãozinho a se transformar em Tiãozão.

Palavras-chave: Referência; Referenciação; Universos de referenciação; Produção de sentido; Hipertexto.

E não apenas isto, mas tudo: a vida, a morte, tudo é, no fundo, paradoxo. Os paradoxos existem para que ainda se possa exprimir algo para o qual não existem palavras. Por isso acho que um paradoxo bem formulado é mais importante que toda a matemática... (Guimarães Rosa)¹

O texto “Conversa de bois” pode ser encarado como uma arena que acolhe vários conflitos, conflitos esses que expõem uma série de paradoxos: a Fraqueza e o Poder, a Criança e o Adulto, Pai e Filho, o Bem e o Mal, Vida e Morte, o Ser e o Não-Ser. Num certo sentido, os personagens Tiãozinho e

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

¹ Guimarães Rosa, numa entrevista concedida a Günter Lorenz, publicada com o título “Diálogo co.n Guimarães Rosa” (ROSA, 1994, p. 32).

Agenor Soronho acabam por servir de resumos destes paradoxos que se instauram no conto. O texto admite, portanto, várias interpretações possíveis, provavelmente relacionadas entre si. Seja qual for o conflito focalizado, ou a interpretação que se queira privilegiar, partimos do pressuposto de que, pela linguagem, os universos conflitantes, que sustentam esses paradoxos, sejam delineados e, também, que os referentes em cada um desses universos sejam localizados e recebam as predicções cabíveis. A pergunta mais geral à qual nos remetemos aqui é a seguinte: como é que produzimos sentido em um texto? Que operações executamos na produção de sentido? Que elementos nos permitem executar essas operações? Note-se que, ao formular essas perguntas, não estamos querendo sugerir que precisamos estar conscientes dessas operações para que se dê a produção de sentido. Fazendo uma analogia um tanto grosseira, podemos dizer que somos capazes de digerir e apreciar um alimento qualquer sem estarmos conscientes daquilo que acontece em nosso estômago, das enzimas e dos ácidos acionados durante a digestão.

A questão de como produzimos o sentido de um texto não é uma questão de fácil entendimento. Muito se tem escrito sobre o assunto, desde propostas que se apóiam nas propriedades do organismo humano, até propostas que jogam toda a responsabilidade interpretativa nas propriedades do contexto.

A questão da produção de sentido de um texto literário nos parece ser ainda mais complexa: como é que produzimos sentido a partir de um texto literário? Perguntamos sobre o texto literário porque ele tem características que o diferenciam bastante de outros textos, textos estes que remetem ao mundo factual. Mas não é exatamente assim com o texto literário que, por sua vez, prima por criar e integrar mundos contra-factuais e factuais na produção de sentido.²

COLOCAÇÃO DO PROBLEMA

Isso posto, e focalizando especificamente o conto "Conversa de Bois", gostaríamos de colocar as seguintes questões:

- a) Qual é o papel dos bois falantes no conto?
- b) Em que espaços de referenciação o conto deve ser lido?
- c) Quais são as evidências lingüísticas para mostrar que o conto transita por mais de um espaço de referenciação?

² Sobre a noção de contrafactualidade como propriedade do processo de integração de espaços mentais, ver Fauconnier & Turner (2002), principalmente o cap. XI, The Construction of the Unreal. Considere-se, por exemplo, a seguinte afirmação dos autores: As we saw in Chapter V, typically any integration network has implicit counterfactual spaces attached to various of the "actual" spaces we are focusing on" (p. 230).

- d) Quem é o Tiãozinho? Em que consiste a resolução de seu conflito interno ao final do conto? Em outras palavras, qual é o referente da expressão Tiãozinho?

A QUESTÃO DA PRODUÇÃO DE SENTIDO

Em texto recente, Nascimento e Oliveira (2004) sugerem que a produção de sentido se dá num espaço de referenciação instaurado no processo discursivo, e que todo texto seja, de fato, um hipertexto. Os autores sugerem, também, que as operações de produção de sentido são operações lingüístico-cognitivas, i.e., são operações que se relacionam a propriedades relativas ao processador. Conforme Saussure (2004),

A linguagem é um fenômeno; é o exercício de uma faculdade que existe no homem. A língua é o conjunto de formas concordantes que esse fenômeno assume numa coletividade de indivíduos e numa época determinada. O mal-entendido em que caiu, no início, a escola fundada por F. Bopp, foi atribuir às línguas um corpo e uma existência imaginários, fora dos indivíduos falantes. (...) A conquista desses últimos anos é ter, enfim, colocado não apenas tudo o que é a linguagem e a língua em seu verdadeiro nicho exclusivamente no sujeito falante seja como ser humano seja como ser social. (p. 115)

Ora, essa citação de Saussure nos remete a um segundo componente daquilo que podemos chamar de competência discursiva, ou seja, às propriedades do processamento. Assim, a competência discursiva pode ser caracterizada em termos de conexões entre as propriedades da língua e a modalidade de seu uso, conforme sugere Chomsky (1995).

The language is embedded in performance systems that enable its expressions to be used for articulating, interpreting, referring, inquiring, reflecting, and other actions. We may think of the SD [Structural Descriptions] as a complex of instructions for these performance systems, providing information relevant to their functions. While there is no clear sense to the idea that language is “designed for use” or “well-adapted to its functions”, we do expect to find connections between the properties of the language and the manner of its use. (p. 168)

Vamos nos concentrar aqui nas propriedades do primeiro tipo, i.e., nas propriedades do processador. Essas propriedades, conforme Nascimento e Oliveira (2004), “se traduzem em princípios e/ou mecanismos categóricos, determinísticos, em relação aos quais os falantes não têm escolha, nem consciência” (p. 287). Retomemos, então, a questão mais geral, colocada no início desta exposição: *como é que produzimos sentido?* Para responder a esta pergunta, vamos nos valer das idéias de Benveniste (1989), onde se lê

... Na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação. (p. 84)

A partir do que nos diz Benveniste podemos dizer que uma das propriedades do processador, na produção de sentido, é exatamente a de ‘referir’. Conforme se lê em Nascimento e Oliveira (2004),

... a relação Enunciador (En)/ Enunciatário (Ea) se institui, lingüístico-cognitivamente, num tempo (T) e num espaço (E) discursivos em que se constrói a Referência (R). Vamos nos referir a este conjunto de operações utilizando a expressão “operações de discursivização”, ou simplesmente discursivização. (p. 289)

A discursivização é caracterizada, em Nascimento e Oliveira (2004), como sendo a “criação, numa, e única, instância enunciativa, de um espaço de referenciação X que integre, recursivamente, numa rede, todos os espaços de referenciação instituídos no processo discursivo” (p. 290).

Note-se que, até aqui, abordamos apenas parcialmente a questão de como produzimos sentido. O que se disse até aqui, com base nas idéias de Benveniste, foi que a produção de sentido começa pelo ato de referenciar. Mas ainda falta indicar como é que selecionamos o espaço de referenciação pertinente para o ato de referenciar. Afinal, como é que sabemos em que espaço de referenciação estamos? Há várias maneiras lingüísticas de se fazer isso, que não pretendemos discutir aqui. Contudo, achamos que todas elas possam ser agrupadas na operação maior de *referenciação/predicação*. Se incluirmos a predicação entre as operações de produção de sentido (e pensamos que podemos limitar as operações de produção de sentido inerentes ao processador a uma única operação, *referência/predicação*), podemos tentar responder às questões que foram colocadas anteriormente sobre o conto que temos em mira, “Conversa de bois”. As questões colocadas foram:

- a) Qual é o papel dos bois falantes no conto?
- b) Em que espaços de referenciação o conto deve ser lido?
- c) Quais são as evidências lingüísticas para mostrar que o conto transita por mais de um espaço de referenciação?
- d) Quem é o Tiãozinho? Em que consiste a resolução de seu conflito interno ao final do conto? Em outras palavras, qual é o referente da expressão Tiãozinho?

Começando pela última pergunta, qual é o referente da expressão Tiãozinho?, pretendemos sustentar que:

- 1º) esta expressão tem uma dualidade referencial ao longo do conto, e esta dualidade referencial sustenta o conflito interno de Tiãozinho;
- 2º) cada referência se liga a um espaço de referenciação separado;
- 3º) a solução do conflito de Tiãozinho consiste na simbiose entre estes dois espaços, na criação de um terceiro espaço de referenciação.

A dualidade referencial de Tiãozinho pode ser expressa pela diferença entre dois Tiãozinhos: por um lado, o Tiãozinho *que é*, o Tiãozinho guia de bois, que se submete a Agenor Soronho, e que sofre, e, por outro lado, o Tiãozinho *que não-é*, que quer vingar o pai, que critica o comportamento da mãe e que quer enfrentar Agenor Soronho.

Estas referências, por sua vez, se ligam a espaços que o autor vai construindo, lingüisticamente, ao longo do conto. Por exemplo, o Tiãozinho *que é*, é a criança fraca que escuta, com medo e encolhido, os desaforos de Soronho. Há uma passagem no conto em que Agenor Soronho diz:

— Tu Tião, diabo! Tu apertou demais o cocão!... Não vê que a gente carregando de-funto-morto, com essa cantoria, até Deus castiga, siô?!... Não vê que é teu pai, deminho?!... Fasta! Fasta, Canindé! ... Ôa!... ô-ôa!... Anda, fica novo, bocó-sem-sorte, cara de pari sem peixe!... Vai botar azeite no chumaço, que senão agorinha mesmo pega fogo no eixo, pega fogo em tudo, com o diabo p'r'ajudar!... (ROSA, 1981, p. 291)

E aí, como escreve Guimarães Rosa, “Tiãozinho veio no grito, mas se mexendo encolhido, com medo de que o homem desse nele com a vara-de-ferrão”. Há ainda os impropérios que Soronho dirige a Tiãozinho, que é chamado de “mã-mão-macho sem preceito”, que “não tem aquela-coisa na cara”, além das ofensas que Soronho faz a Tiãozinho ao lembrar-lhe, constantemente, que é seu pai o defunto que eles levam entre as rapaduras, pai que morrera cego e entrevado, testemunhando calado as peripécias da esposa com Agenor Soronho, e chorando no escuro.

E quem é o Tiãozinho que *não-é*? Como ele é construído ao longo do conto? Este Tiãozinho é construído no texto através das reflexões do próprio personagem, num espaço de referenciação contra-factual em oposição ao espaço factual do Tiãozinho *que é*, reflexões que sempre conduzem a uma esperança de que Deus castigue o Soronho (v. p. 293-294) ou que ele mesmo possa fazer isso (v. p. 295, 304) mas, neste caso, falta coragem, falta o com-quê. Mas esse Tiãozinho é construído também através da conversa dos bois, que falam num mundo caracterizado pelo autor como sendo das fadas carochas, outro espaço de referenciação contra-factual. Assim, encontramos, por exemplo, o boi Dançador afirmando:

- O homem é um bicho esmochado, que não devia haver.
- Tem também o homem-do-pau-comprido-com-marimbondo-na-ponta... O homem me chifrou agora mesmo com o pau... (ROSA, 1981, p. 286)

Ou o boi Capitão, que diz

— Um homem não é mais forte do que um boi... E nem todos os bois obedecem sempre ao homem... (ROSA, 1981, p. 287)

Outras falas dos bois de carro, sempre criticando o homem e tendo como base o carreiro Soronho são:

— Podemos pensar como o homem e como os bois. Mas é melhor não pensar como o homem... (boi Realejo) (ROSA, 1981, p. 289)

— É ruim viver perto dos homens... As coisas ruins são do homem: tristeza, fome, calor – tudo, pensado, é pior... (boi Canindé) (ROSA, 1981, p. 289),

e muitas outras.

A fusão entre Tiãozinho e os bois começa a se delinear, através da fala dos bois, já na parte final do conto (v. p. 313-316). O trecho que se lê na p. 315 é bastante sintomático. A primeira impressão que fica é a de que se trata de uma fala do boi Capitão em resposta a um comentário do boi Buscapé. Contudo, neste trecho observamos a simbiose entre os dois mundos do Tiãozinho, o do ser e o do *não-ser*, ambos marcados por expressões lingüísticas que já haviam sido apresentadas em momentos anteriores. Convém rever essa passagem, que diz:

— Olha! Escuta!... Escuta, boi Brabagato; escuta boi Dançador!

— Que foi? Que há, boi Buscapé?

— É o boi Capitão! É o boi Capitão! Que é que está dizendo o boi Capitão?

— Mhú! Hmoung!... Boi... Bezerro-de-homem... Mas, eu sou o boi Capitão... Mas, todos os bois... Não há bezerro-de-homem!... Todos... Tudo... Tudo é enorme... Eu sou enorme!... Sou grande e forte... Mais que o seu Agenor Soronho!... Posso vingar meu pai... Meu pai era bom. Ele está morto dentro do carro... Seu Agenor Soronho é o diabo grande... Bate em todos os meninos do mundo... Mas eu sou enorme... Hmou! Hung!... Sou maior do que todos os bois e homens juntos.

— Mû-ûh... Mû-ûh!... Sim, sou forte... somos fortes... Não há bois... Tudo... Todos... A noite é enorme... Não há bois-de-carro... Não há mais nenhum boi Namorado... (...)

— Que estão falando, todos? Estão loucos?!... Eu sou o boi Dançador... Boi Dançador... Mas, não há nenhum boi Dançador!... Não há o-que-tem-cabeça-grande-e-murundu-nas-costas... Sou mais forte do que todos... não há bois, não há homem... Somos fortes... Sou muito forte... Posso bater para todos os lados... Bato no seu Agenor Soronho!... Bato no seu Soronho, de cabresto, de vara de marmelo, de pau... Até tirar sangue... E ainda fico mais forte... Sou Tião... Tiãozinho!... Matei seu Agenor Soronho... Torno a matar!... Está morto esse carreiro do diabo!... Morto matado... Picado... Não pode entrar mais na nossa cafua. Não deixo!... Sou Tiãozinho... Se elequiser embocar, mato outra vez... Mil vezes!... Se minha mãe quiser chorar por causa dele, eu também não deixo... Ralho com a minha mãe... Ela só pode chorar é pela morte do meu pai... Tem de cuspir no seu Soronho morto... Tem de ajoelhar e

rezar o terço comigo, por alma de meu pai... Quem manda agora na nossa cafua sou eu... Eu, Tiãozinho!... Sou grande, sou dono de muitas terras, com muitos carros de bois, com muitas juntas... Ninguém pode mais nem falar no nome do seu Soronho... Não deixo!... Sou o mais forte de todos... Ninguém pode mandar em mim!... Tiãozão... Tiãozão!... ...Oung... Hmong... Mûh!... (ROSA, 1981, p. 315-316)

Após essa metamorfose de Tiãozinho em Tiãozão dá-se a morte de Agenor Soronho, que cai enquanto dormitava no carro de bois e é degolado pela roda. E não há nada de acidental nisso: trata-se de algo calculado e executado por Tiãozinho, agora Tiãozão, que vinga o pai e as tristezas que Agenor Soronho lhe havia causado.

Uma leitura uniespacial e literal do texto iria conferir aos bois a morte de Soronho, numa espécie de conspiração de bichos. Ou então iria deixar a morte de Soronho na conta dos acidentes da vida. Contudo, uma leitura que localiza Tiãozinho em dois espaços conflitantes, paradoxais, que entenda que a expressão Tiãozinho constrói uma dualidade referencial, em dois espaços de referenciação, nos parece mais acertada para captar as dimensões conflituais engendradas pelo conto.

CONCLUINDO...

A tese que apresentamos é, em si, muito simples: todo texto que criamos ou processamos é, de fato, um hipertexto. Somos capazes de desdobrar e manter em rede muitos espaços de referenciação, apropriadamente sinalizados pelos recursos da linguagem, e lidamos com todos eles como se formassem uma unidade. A rigor, não há nada de espetacular nisso, mas talvez isso nos ajude a diferenciar a produção de sentido dos devaneios.

Abstract

The story "Conversa de bois" can be taken as an arena in which several conflicts have to be solved: Tiãozinho vs Agenor Soronho; Good and Evil; Action and Reflection; Weakness and Power; the child and the adult; Being and Willing-to-Be. In this way the text allows many possible interpretations, probably related to one another. No matter which conflict we focus on, we assume that it is through language that the author constructs these conflicting spaces. Also, it is through language that we are able to localize the referents in each one of these spaces and to grasp the predications these referents receive in the text. Assuming that Tiãozinho and Agenor Soronho act as shortcuts for those several conflicts that show up in the story, we argue that through language, by means of structural devices, Guimarães Rosa creates two opposing universes in the character Tiãozinho, one who speaks through the oxen and another one who speaks through a flesh and bones Tiãozinho who leads the oxen, and that Tiãozinho's internal conflict is resolved at the end of the story by a symbiosis between these two universes, leading to the transformation of Tiãozinho into Tiãozão.

Key words: Reference; Reference construction; Reference spaces; Meaning construction; Hypertext.

Referências

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral II**. Campinas: Pontes Editores, 1989.
- CHOMSKY, Noam. **The minimalist program**. Cambridge: The MIT Press, 1995.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. **The way we think**; conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.
- GUIMARÃES ROSA, João. *Conversa de bois*. In: GUIMARÃES ROSA, João. **Sagarana**. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. p. 281-319.
- GUIMARÃES ROSA, João. **Ficção completa v. I**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- NASCIMENTO, Milton do; OLIVEIRA, Marco A. de. *Texto e hipertexto: referência e rede no processamento textual*. In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria J.; OLIVEIRA, Roberta P. de (Org.). **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004. p. 285-299.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Lingüística Geral**. São Paulo: 2004.

